



DISTRITOS INDUSTRIAIS MARSHALLIANOS: O CASO DE ÁGUEDA

Ana Isabel Melo - Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda (Universidade de Aveiro) e IERU* - E-mail: ana.melo@estga.ua.pt

RESUMO:

O objectivo deste artigo é averiguar se Águeda constitui um *distrito industrial marshalliano*, procurando determinar a influência desta forma de organização produtiva no dinamismo industrial do concelho.

Depois de uma breve revisão da literatura sobre os distritos industriais, visando a identificação das principais características deste modelo de organização industrial, é feita uma análise empírica, tendo como base um inquérito realizado a empresas de Águeda. Os resultados do estudo revelam um concelho indiscutivelmente industrial, caracterizado pela co-presença de empresas de pequena dimensão, fortemente especializadas, tendo-se formado um sistema de interdependências industriais. De referir ainda a existência de uma forte interacção entre as empresas e o meio local, desempenhando os agentes colectivos locais um papel preponderante no desenvolvimento industrial do concelho.

Palavras-chave: Distritos industriais, organização industrial, Águeda.

ABSTRACT:

The objective of this paper is to examine whether Águeda is a *Marshallian industrial district* or not, and to determine the importance of this model of organization to the industrial dynamics of this *concelho*.

Following a brief review of the literature on industrial districts, which identifies the main characteristics of this model of industrial organization, an empirical study is presented, based on a survey applied to some industrial firms from Águeda. The analysis illustrates a *concelho* characterized by the co-presence of small-sized firms, highly specialized and by the strong interdependence between local firms. Furthermore, one should refer to the existence of a great interaction between firms and the local community and to the important role played by local institutions in the industrial development of this *concelho*.

Keywords: Industrial districts, industrial organization, Águeda.

* Instituto de Estudos Regionais e Urbanos da Universidade de Coimbra.



1. INTRODUÇÃO

O conceito de *distrito industrial*, proposto inicialmente por Alfred Marshall, tem merecido relevo nos últimos anos, nomeadamente a partir de 1979, altura em que foi revisto por Giacomo Becattini.

Este processo de descentralização industrial, que pressupõe a formação de uma rede composta essencialmente por empresas de pequena e média dimensão, encontra o seu expoente máximo em alguns territórios, onde se privilegiam a iniciativa local e a interacção entre as empresas e entre estas e as instituições locais, sempre com fortes ligações ao meio local. Os *distritos industriais italianos* são um exemplo deste modelo de organização produtiva.

O objectivo desta comunicação é verificar se o concelho de Águeda apresenta os atributos necessários para ser considerado um *distrito industrial*.

Com esse intuito, o trabalho foi dividido em quatro partes. Na primeira parte é introduzido o conceito de *distrito industrial*, através de uma revisão da literatura, sendo apontadas as características principais que permitem identificar este modelo de organização da produção. Na segunda parte é apresentada, de uma forma sumária, a história industrial do concelho de Águeda. A parte seguinte é dedicada à caracterização social e económica de Águeda, baseada na análise de dados estatísticos e dos resultados de um inquérito realizado a empresas da região. Finalmente, são tiradas conclusões que procuram sintetizar os principais resultados obtidos, com o intuito de indagar se o concelho de Águeda constitui verdadeiramente um *distrito industrial marshalliano* e averiguar a influência desta forma de organização produtiva na dinâmica industrial do concelho.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O conceito de *distrito industrial*, cuja origem remonta a Alfred Marshall (1890), foi revitalizado por Giacomo Becattini (1979), numa altura em que o modelo Fordista entra em crise, pondo em causa não só o paradigma de organização industrial por ele defendido, mas também os estudos do tipo centro-periferia que eram a tradução espacial desse modelo (Silva, 1994: 4).

Em Itália, na segunda metade da década de setenta, enquanto as empresas de maior dimensão estavam a perder terreno para as suas concorrentes internacionais, um conjunto de pequenas empresas, localizadas em determinadas regiões essencialmente industriais, começa a demonstrar um dinamismo pouco usual, aumentando a sua quota de mercado, interna e externamente, conseguindo gerar lucros e criar empregos (Becattini, 1991: 83; Giner e Santa María, 2002: 212). O excelente desempenho económico de indústrias espacialmente concentradas no Centro e Nordeste de Itália (conhecidas por “*Terceira Itália*”) não era explicado pelas teorias económicas tradicionais, uma vez que apresentavam características pouco comuns: eram constituídas maioritariamente por pequenas e médias empresas, eram inovadoras e tinham êxito internacional (Melo, 1995: 27). As mais notáveis, no que dizia respeito à imagem externa e valor acrescentado, eram a indústria têxtil em Carpi e no Prato, a indústria cerâmica (azulejos) no Sassuolo, a indústria de mobiliário em Brianza e Cascina e a indústria de calçado em Vigevano e Puglia. A unidade de análise passa a ser não a empresa individual, mas um *cluster* de empresas interligadas e localizadas numa área geográfica pequena (Bellandi, 2002: 426; Brusco, 1990: 14).

Na sua análise, Becattini (1989: 112) define o *distrito industrial* como uma “entidade sócio-territorial caracterizada pela co-presença activa, numa área territorial circunscrita, natural e historicamente determinada, de uma comunidade de pessoas e de uma população de empresas industriais”, sendo o que o diferencia da “região económica” tradicional o facto da actividade dominante ser a indústria.

Procurando precisar mais esta definição, Becattini (1989: 125) salienta algumas características que devem estar presentes num distrito: “o distrito industrial marshalliano é constituído por uma população de pequenas e médias empresas independentes, tendencialmente coincidentes com as unidades produtivas de fase, apoiando-se numa miríade de unidades fornecedoras de serviços à produção e de trabalhadores ao domicílio e a tempo parcial, orientada, através do mercado das encomendas, por um grupo aberto de empresários puros¹”. Vamos então clarificar algumas das características que permitem definir um distrito industrial.

2.1 A POPULAÇÃO DE EMPRESAS

Um elemento fundamental da definição de *distrito industrial marshalliano* é o predomínio de *empresas de pequena e média dimensão* independentes umas das outras. Alguns autores, como é o caso de Piore e Sabel (1984) consideram este tipo de empresas mais flexíveis e com maior capacidade de adaptabilidade e de inovação.

Para além disso, um *distrito industrial* é tendencialmente *mono-sectorial*, ou seja, a maioria das empresas contribui para uma mesma produção, quer produzindo produtos finais, quer especializando-se em produtos de fase, quer fornecendo os serviços de apoio necessários a essa actividade² (maquinaria,

transporte, serviços financeiros, entre outros). Cada empresa é, assim, *especializada* numa fase diferente do processo de fabrico de uma indústria dominante na região ou de uma série de indústrias complementares.

Aliás, segundo Becattini (1990: 41), os processos produtivos têm mesmo de ter a possibilidade de serem repartidos entre as empresas do *distrito*, para que se forme uma rede local de transacções especializadas em diferentes fases de produção. Desta forma, cria-se a possibilidade de um conjunto de empresas, interligadas umas com as outras, tanto a montante como a jusante, poder reproduzir, num determinado território, as condições de funcionamento de uma só grande empresa verticalmente integrada, aproveitando, como esta, as vantagens de eventuais economias de escala. Como diz Bagnasco (1988: 46) é uma hipótese das pequenas empresas serem grandes.

Devido a este processo de divisão do trabalho, quando a empresa atinge uma escala eficiente não cresce, tendo tendência a manter-se focada no seu ramo de negócio principal, mantendo relações mais intensas com outras empresas especializadas em actividades complementares, havendo lugar, muitas vezes, à criação de novas empresas por ex-trabalhadores ou familiares dos empresários de empresas já consolidadas, com o apoio destas últimas (Dei Ottati, 2002: 453).

2.2 A COMUNIDADE LOCAL

O *distrito industrial* deve ser visto como um todo social e económico, havendo *relações estreitas entre as esferas social, política e económica*, sendo o funcionamento de uma delas influenciado pelo funcionamento e organização das outras. O sucesso

¹ Agentes económicos que, sem serem eles próprios fabricantes, se transformam em organizadores da produção do *distrito*, através da colocação de encomendas e do acompanhamento do seu fabrico.

² Dei Ottati (2002: 452) chama-lhes empresas especializadas em indústrias subsidiárias.



do *distrito industrial* não está apenas centrado em aspectos económicos, mas também em aspectos sociais e institucionais (Pyke e Sengenberger, 1990: 2).

Segundo Becattini (1990: 39) um dos requisitos preliminares para o desenvolvimento e manutenção de um *distrito industrial* é a existência de um *sistema de valores* relativamente homogéneo. A existência de valores comuns facilita a transmissão de conhecimento e fornece regras que regulam os comportamentos.

Paralelamente ao sistema de valores deverá haver, segundo este autor, um *sistema de instituições* (escola, igreja, famílias, mercado, empresas, partidos políticos, sindicatos, entre outros) que têm como função disseminar o sistema de valores pelo *distrito*, de forma a mantê-lo e transmiti-lo de geração em geração.

Como diz Becattini, isto não significa que o *distrito* seja um sistema fechado, onde as pessoas vivem “sufocadas” por um conjunto de regras. Significa sim, que é um local cujo desenvolvimento histórico conduziu a algumas restrições, ao chamado comportamento “natural” dos indivíduos, sendo o sistema de valores não visto como uma limitação, mas como uma causa de orgulho. Os *distritos industriais* correspondem, geralmente, a zonas compostas por pequenos e médios centros urbanos, quase sempre possuidores de uma tradição industrial antiga e ligada a uma actividade característica da zona.

A pertença a um meio relativamente restrito, atravessado por fortes inter-relações profissionais e familiares, vai reduzir as possibilidades de ocorrência de fenómenos de ambiguidade, de oportunismo e de incerteza que conduzem ao aumento dos custos de transacção.

2.3 OS RECURSOS HUMANOS

O tipo de trabalho normalmente oferecido e procurado no *distrito* não é só emprego dependente. Temos também o trabalho em casa, o trabalho em *part-time* e um espectro largo de actividades independentes. O facto das empresas poderem mobilizar temporariamente trabalho em *part-time* (ajudantes na família, pessoas novas ou mais velhas) diminui os efeitos negativos das flutuações económicas (Dei Ottati, 2002: 454).

A especialização dos trabalhadores do *distrito* faz parte da mais-valia a que Marshall chamou de “atmosfera industrial”. Este termo marshalliano refere-se à troca de experiências, de informação e de conhecimento, que circulam no *distrito* com poucas restrições. Para perceber a capacidade de invenção nos *distritos industriais* há a necessidade de conhecer a tecnologia com que se trabalha. Isto requer uma interacção contínua fora do local de trabalho, isto é, nas relações sociais e de amizade, onde são partilhadas informações e transmitidas novas ideias. Outra das características do *distrito* que o tornam produtivo e competitivo é a tendência para *realocar os seus recursos humanos*. Se os empresários abandonam a empresa levam consigo conhecimento tácito que vai enriquecer o mercado local dos recursos humanos. A mobilidade profissional horizontal (de uma empresa para outra) ou vertical (através da criação de novas empresas) dos trabalhadores é um factor que favorece a difusão da inovação.

2.4 O MERCADO

Para Becattini (1990: 38) a sobrevivência do *distrito* depende do desenvolvimento de uma *rede permanente de contactos* entre o *distrito*, os seus fornecedores e clientes. A solidez das redes é reforçada por

dois aspectos: por um lado, uma rede constrói-se lentamente, à medida que as relações entre os indivíduos partilham normas e confiança recíproca; por outro lado, as redes vão-se construindo com indivíduos de esferas diferentes, mas com vivências comuns (Silva, 1994: 13).

2.5 INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

A grande proximidade territorial de um mesmo sector e a sua imersão num meio social comum e integrador, desencadeia *mecanismos de informação e de comunicação*, de imitação e de demonstração que *favorecem a inovação incremental e facilitam a sedimentação das tecnologias*. Esta situação é potenciada se o grau de desintegração vertical do processo produtivo for elevado, proporcionando uma interacção entre os produtores dos produtos de fase e os seus clientes.

Para Becattini (1989: 122) o progresso técnico é, num *distrito industrial*, um processo social que se realiza gradualmente, através de uma tomada de consciência progressiva da necessidade desse progresso por parte de todos os segmentos da indústria e de todos os estratos da população. Bellandi propõe a designação de *capacidade de inovação difusa*, procurando reunir num só termo o conjunto de diferentes processos de aprender fazendo e aprender usando que um *distrito* oferece.

2.6 CONCORRÊNCIA E COOPERAÇÃO

O funcionamento e o desenvolvimento de um *distrito* baseiam-se numa *relação complexa entre concorrência e cooperação*. O facto de aí existirem muitas empresas centradas numa mesma actividade, tornando-as concorrentes, torna difícil, ou quase impossível, o desenvolvimento interno de funções como o marketing internacional ou a I&D. A externalização da função de marketing industrial, por exemplo, dá às empresas o acesso directo ao mercado e exige compromissos difíceis entre concorrência e

cooperação, podendo o mesmo acontecer em termos tecnológicos (Silva, 1994: 7 e 8). Brusco (1990: 15) afirma que a competição ocorre entre as empresas que trabalham no mesmo produto ou na mesma actividade e que a cooperação, especialmente no que respeita à inovação tecnológica e ao *design*, ocorre entre empresas diferentes. Este autor fala em competitividade horizontal e cooperação vertical.

Esta cooperação semi-consciente e semi-voluntária resulta, essencialmente, da adopção de um sistema comum de valores que caracteriza a vida do *distrito* (o qual não deixa, apesar de tudo, de ser vincadamente concorrencial e competitivo) (Becattini, 1990: 46).

2.7 CONCENTRAÇÃO GEOGRÁFICA E VANTAGEM COMPETITIVA

Um dos elementos fundamentais do conceito de *distrito industrial marshalliano* é a *concentração geográfica* das empresas, permitindo-lhes a *redução dos custos de transacção*, gerando economias de escala externas à empresa (internas ao *distrito*). As trocas entre as empresas que fazem parte do tecido industrial local, a existência de uma força de trabalho qualificada localmente e a disponibilidade local dos serviços necessários para o aumento da produtividade e da competitividade das empresas do *distrito*, conduzem a uma eficácia colectiva, que se transforma numa *vantagem comparativa* (McDonald e Vertova, 2001: 161; Giner e Santa María, 2002: 213).

Aliás, uma condição essencial para a existência de um *distrito industrial* é a aquisição e manutenção de uma *vantagem competitiva* por parte das empresas que dele fazem parte. Esta vantagem competitiva depende, sobretudo, do contexto social no qual a produção está envolvida. De facto, a capacidade de diferenciar os produtos ou serviços oferecidos e de encontrar novos mercados depende menos dos investimentos em I&D e mais da vontade dos trabalhadores qualificados e dos empresários em

cooperar, usando as suas diferentes qualidades para melhorar constantemente os produtos e os processos, de forma a satisfazer uma procura cada vez mais exigente (Dei Ottati, 2002: 449).

Resumindo, e usando as palavras de Becattini (1990: 44), a origem e o desenvolvimento de um *distrito industrial* não resulta apenas da junção, num determinado local, de algumas características sócio-culturais (sistema de valores, atitudes e instituições), com características históricas e naturais e com atributos técnicos do processo produtivo, mas resulta também de um processo de interacção dinâmica entre a divisão do trabalho, o alargamento do mercado para os seus produtos e a formação de uma rede permanente de contactos entre o *distrito* e os mercados externos. Tudo isto com o objectivo de criar uma imagem para o *distrito* que o diferencie dos restantes, conferindo-lhe uma vantagem comparativa.

Depois de apresentadas as principais características identificadoras de um *distrito industrial marshalliano*, e antes de analisarmos mais pormenorizadamente a indústria de Águeda, vamos fazer uma breve caracterização do concelho de Águeda.

3. BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DE ÁGUEDA

A primeira observação a fazer é sobre o facto da escolha da unidade territorial do estudo ter recaído sobre o concelho de Águeda, por aí se concentrar a maioria das empresas que constituem o sistema produtivo local.

O concelho de Águeda, pertencente à NUT II Centro e à sub-região do Baixo Vouga, é constituído por 20 freguesias, ocupando uma área de 335,3 km².

Olhando para o mapa de Águeda, conseguimos ver as freguesias mais industrializadas deste concelho: Águeda, Aguada de Baixo, Aguada de Cima, Barrô, Borralha e Macinhata do Vouga.

Em Águeda, a indústria não é um fenómeno recente, tendo tido o seu início provável no ano de 1896 (Cruz, 1987: 37). Apesar da indústria neste concelho ser, inicialmente, artesanal, apresentava já uma orientação mercantil (os produtos então fabricados – ferragens para a construção civil – eram comercializados fora do meio local). Para isso, contribuía a ligação fácil, por via fluvial, até ao porto de Aveiro, e a existência de fortes ligações à cidade do Porto, centro industrial e comercial já importante nessa altura.

A indústria local mantém-se ligada ao fabrico de ferragens até aos anos trinta e no período entre guerras³, sendo um indicador de dinamismo desta indústria, a criação, em 1937, da FRAL – Ferragens Unidas de Águeda, constituída por cerca de dez industriais locais, com o propósito de promover a comercialização, em comum, dos seus produtos e alargá-la a todo o espaço nacional.

Desenvolvem-se, numa fase posterior, outras actividades ligadas ao sector metalomecânico, com especial relevo, a partir do pós-guerra e até aos anos sessenta, para a indústria das “duas rodas” (numa primeira fase virada para o fabrico e montagem de bicicletas e, depois, de motorizadas⁴).

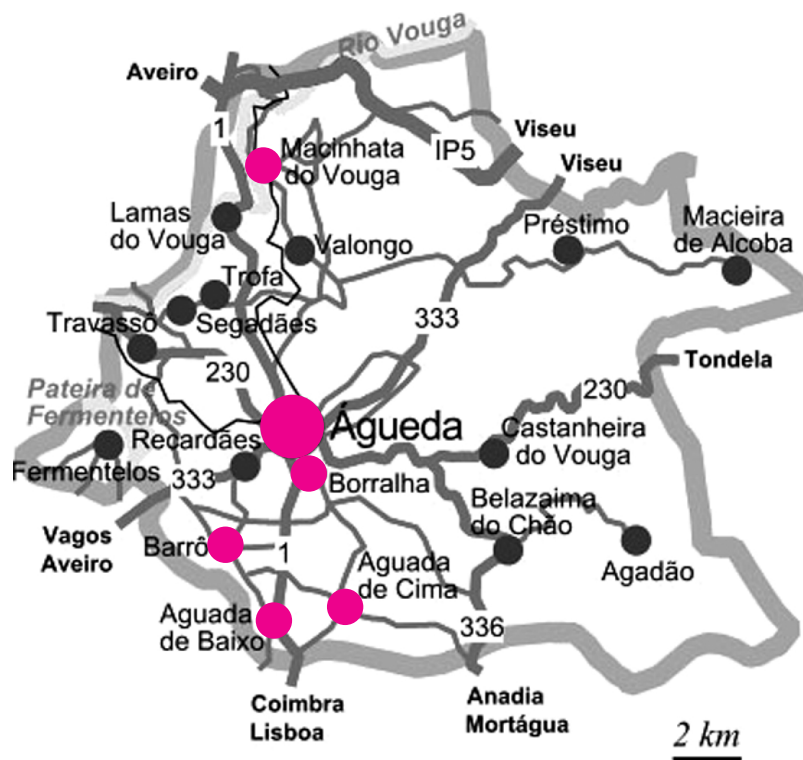
Nos anos sessenta, é evidente o prenúncio de diversificação, com o surgimento de um grande número de empresas ligadas à fabricação de mobiliário metálico, de aparelhos eléctricos e a serviços industriais especializados, como é o caso da tornearia, da fundição, da serralharia mecânica e dos moldes. O aumento do número de empresas

³ O fabrico de ferragens é o primeiro indicador da predominância absoluta do sector da metalomecânica em Águeda.

⁴ Entre 1946 e 1965 as empresas do chamado “sector das duas rodas” surgem em Águeda à razão de uma por ano.

FIGURA 1

Mapa do concelho de Águeda



industriais traduziu-se numa diminuição da dimensão média das empresas (avaliada pelo número de trabalhadores), levando a um aumento da divisão do trabalho industrial e a uma intensificação das relações inter-industriais locais.

Dos anos setenta até à actualidade podemos considerar duas fases distintas: uma caracterizada pela consolidação do modelo de estrutura industrial existente, com a afirmação da lógica organizativa interna das empresas do meio industrial local (criam-se novas empresas, ampliam-se as existentes, mecanizam-se processos de fabrico), e a outra, onde é o sistema industrial no seu conjunto, e não tanto cada empresa, que parece ser o centro organizativo da oferta industrial local (Reis, 1989: 344).

De referir, ainda, a criação, em meados dos anos setenta, da Associação Industrial de Águeda (AIA), que resultou da necessidade sentida pelas empresas

de pequena dimensão e com uma forte abertura ao exterior, de um agente local que as representasse e negociasse no exterior.

A indústria em Águeda, originalmente de base artesanal, tornou-se, assim, de modo progressivo, numa rede de empresas especializadas num sector – a metalomecânica, em que os agentes empresariais são quase exclusivamente originários do meio local, merecendo lugar de destaque aqueles cujo percurso pessoal está ligado a um processo de mobilidade social e profissional bastante intensa, sendo a figura mais típica a do ex-empregado que, munido de conhecimentos técnicos adquiridos *in situ* ou através da já extinta Escola Industrial e Comercial de Águeda, se decidia a fundar a sua própria empresa à imagem e semelhança daquela onde trabalhava (Rosa Pires, 1986: 258).

Em Águeda houve lugar ao que Reis (1989: 324) designa como um processo de endogenização do desenvolvimento industrial: o processo industrial, iniciado e desenvolvido por agentes locais, teve como efeitos principais a definição e consolidação de um sector industrial de especialização, a formação de capacidade profissional, a acumulação de uma cultura técnica industrial e a consolidação de um sistema de interdependências industriais.

A concentração da actividade económica na indústria em Águeda chega aos dias de hoje (Quadro 1).

Uma primeira análise do Quadro 1 permite-nos verificar que o número total de activos cresceu cerca de 12%. Mas, o que mais sobressai é a grande diferença entre a estrutura da população activa do concelho, a da NUT III em que está inserido (Baixo Vouga⁵) e a do Continente. Com efeito, é inequívoca a vocação industrial da população empregada de Águeda (59,9% da população activa), apesar de ter havido uma ligeira diminuição do peso do sector secundário neste concelho, relativamente ao Recenseamento de 1991, altura em que empregava 61,3% da população activa. A relativa diminuição do peso da indústria aconteceu, essencialmente, devido à transferência

de alguma mão-de-obra para o sector terciário. O sector primário foi o que mais trabalhadores perdeu para o terciário, tendo havido um decréscimo de mais de 78% da população agrícola em Águeda.

A agricultura perdeu, efectivamente, um significativo número de activos, especialmente se compararmos estes valores com os do Recenseamento de 1981, quando o sector primário acolhia 20% da população activa. O grande peso dos sectores primário e secundário em Águeda foi, inclusivamente, alvo de numerosos estudos, nomeadamente de Rosa Pires (1983, 1986, 1987) que lhe chamou industrialização difusa, por neste concelho “predominarem as pequenas e médias empresas dispersas territorialmente por pequenos aglomerados onde a população tende a desenvolver estratégias de pluriactividade, das quais se destaca a simultânea manutenção da actividade agrícola e a crescente participação em actividades industriais” (Pires, 1986: 239).

Uma outra forma de avaliar a importância da indústria no concelho de Águeda é através da análise do número de empresas e sociedades com sede na região, do pessoal ao serviço e do volume de vendas, por ramos de actividade económica.

QUADRO 1

População residente empregada, por sector de actividade económica (1991 e 2001)

	2001						1991					
	Continente		Baixo Vouga		Águeda		Continente		Baixo Vouga		Águeda	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Primário	211 603	4,8	8 325	4,6	501	2,1	413 334	10,5	20 918	13,5	2 321	10,9
Secundário	1 581 676	35,5	83 915	46,7	14 297	59,9	1 518 295	38,5	73 016	47,0	13 081	61,3
Terciário	2 657 432	59,7	87 379	48,6	9 087	38,0	2 016 011	51,1	61 327	39,5	5 938	27,8
Total	4 450 711	100,0	179 619	100,0	23 885	100,0	3 947 640	100,0	155 261	100,0	21 340	100,0

Fonte: Censos (INE)

⁵ Para além do município de Águeda, a NUT III Baixo Vouga integra, ainda, os concelhos de Albergaria-a-Velha, Anadia, Aveiro, Estarreja, Ílhavo, Mealhada, Murtosa, Oliveira do Bairro, Ovar, Sever do Vouga e Vagos.

O Quadro 2 realça a grande importância da indústria transformadora na actividade económica de Águeda. Com efeito, 72,4% da população empregada nas sociedades do concelho⁶ trabalha na indústria transformadora (em Portugal, trabalham nessa indústria apenas 32% da população e no Baixo Vouga 59%). A análise do volume de vendas permite-nos tirar a mesma conclusão: quase 60% das vendas de Águeda são provenientes da indústria transformadora, enquanto em Portugal esse valor se fica pelos 24% e no Baixo Vouga pelos 51%. Também a percentagem de empresas e de sociedades ligadas à indústria transformadora é maior em Águeda do que em Portugal e no Baixo Vouga (no caso das empresas, essa percentagem é de 10,6% para Portugal, 12,2% para o Baixo Vouga e 17,7% para Águeda; no caso das sociedades, esses valores são, respectivamente, 14,1%, 21,6% e 37,4%).

Se analisarmos mais pormenorizadamente os dados, vamos encontrar um concelho muito especializado,

tanto em termos absolutos como relativos, em ramos da metalomecânica. Como podemos confirmar pelo Quadro 3, 69,3% da população activa industrial⁷ trabalha em actividades ligadas à metalomecânica (em 1995, esse valor era 63,9%).

Os dados permitem-nos ainda concluir que, se por um lado, se verificou uma diminuição do emprego nos ramos “Metalurgia de Base” e “Material de Transporte”, por outro, houve um aumento considerável do emprego ligado aos ramos “Produtos Metálicos”, “Máquinas e Equipamentos Não Eléctricos”, “Máquinas e Material Eléctrico” e “Mobiliário”.

Assim, e apesar de se ter verificado uma crise na chamada “indústria das duas rodas”, tendo afectado, devido à sua importância, a economia do concelho, a indústria local demonstrou uma grande capacidade de renovação, comprovada, por exemplo, pelo acréscimo do número de empresas de mobiliário metálico em Águeda. Este último ramo de actividade

QUADRO 2

Empresas, sociedades, pessoal ao serviço e volume de vendas no concelho de Águeda, por ramos de actividade económica (2001)

	Empresas		Sociedades					
	Nº	%	Nº	%	Pessoal	%	Vol. Vendas (mil euros)	%
Agricultura, Silvicultura e Pesca	454	8,0	24	1,5	62	0,3	3733	0,3
Indústria Extractiva	16	0,3	11	0,7	71	0,4	5390	0,5
Indústria Transformadora	1005	17,7	584	37,4	14101	72,4	702641	59,3
Electricidade, Gás e Água	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Construção	1045	18,4	138	8,8	1375	7,1	125551	10,6
Comércio Grosso e Retalho; Restaurantes e Hotéis	2436	42,9	568	36,3	3032	15,6	317070	26,8
Transportes, Armazenagem e Comunicações	97	1,7	40	2,6	94	0,5	4912	0,4
Actividades Financeiras; Actividades Imobiliárias e Serviços a Empresas	425	7,5	136	8,7	413	2,1	19264	1,6
Serviços à Colectividade, Serviços Sociais e Serviços Pessoais	201	3,5	62	4,0	319	1,6	6658	0,6
Total	5679	100,0	1563	100,0	19467	100,0	1185222	100,0

Fonte: Anuário Estatístico da Região Centro 2002, INE

⁶ Como é sabido, o Instituto Nacional de Estatística só disponibiliza os dados sobre o pessoal ao serviço e sobre o volume de vendas referentes às sociedades.

⁷ É considerada apenas a população activa das sociedades, uma vez não existirem dados disponíveis referentes às empresas.

tem, efectivamente, crescido nos últimos anos, fruto da reconversão de algumas empresas e da abertura de novas unidades. Com efeito, alguns empresários e ex-trabalhadores viram neste ramo uma oportunidade competitiva e, munidos de *know-how* adquirido em outras empresas do sector metalomecânico, aventuraram-se, tendo conquistado, muitos deles, uma posição confortável nessa actividade. Como diz Reis (1989: 332), a diversificação da capacidade produtiva local deve-se, principalmente, “a um movimento de natureza intra-sectorial próprio da metalomecânica”.

É ainda interessante constatar que o volume de vendas da indústria transformadora de Águeda cresceu imenso, entre 1995 e 2001, tendo passado

de €96.215.000 para €702.641.000. As maiores taxas de crescimento registaram-se, justamente, nos ramos “Máquinas e Equipamentos Não Eléctricos”, “Máquinas e Material Eléctrico” e “Mobiliário”.

A análise mais desagregada dos ramos de actividade mais importantes em Águeda confirma a grande especialização deste concelho no sector da metalomecânica (ferragens, mobiliário metálico, bicicletas e motociclos, máquinas), aparecendo também neste *ranking* outras actividades que estão muito ligadas a este sector, como é o caso da construção civil, da manutenção e reparação de veículos automóveis e da sucata (Quadro 4).

QUADRO 3

Estabelecimentos com sede em Águeda, por ramos de actividade da indústria transformadora (1995 e 2001)

CAE - Rev.2	2001								1995							
	Empresas		Sociedades						Empresas		Sociedades					
	Nº	%	Nº	%	Pess.	%	Vol. Vend. (10 ³ euros)	%	Nº	%	Nº	%	Pess.	%	Vol. Vend. (10 ³ euros)	%
Alimentação e Bebidas	100	10,2	36	6,2	296	2,1	14311	2,0	88	9,3	23	4,4	203	1,5	2158	2,2
Têxteis, Vestuário e Calçado	71	7,3	27	4,7	646	4,6	9161	1,3	94	9,9	33	6,3	1422	10,5	3163	3,3
Madeira e Cortiça	56	5,7	28	4,8	475	3,4	19764	2,8	54	5,7	23	4,4	743	5,5	8544	8,9
Papel e Tipografia	40	4,1	30	5,2	374	2,7	15520	2,2	38	4,0	27	5,1	413	3,0	2531	2,6
Indústrias Químicas	5	0,5	4	0,7	50	0,4	8609	1,2	6	0,6	4	0,8	44	0,3	1204	1,3
Produtos Minerais Não Metálicos	106	10,8	88	15,2	2495	17,7	143704	20,5	96	10,1	76	14,5	2083	15,3	15169	15,8
Metalurgia de Base	22	2,2	16	2,8	574	4,1	41367	5,9	30	3,2	24	4,6	721	5,3	6312	6,6
Produtos Metálicos	365	37,3	188	32,5	4257	30,2	194524	27,7	344	36,2	173	33,0	3855	28,4	24309	25,3
Máquinas e Equipamentos Não Eléctricos	56	5,7	48	8,3	916	6,5	59117	8,4	46	4,8	33	6,3	538	4,0	3895	4,0
Máquinas e Material Eléctrico	19	1,9	15	2,6	611	4,3	35943	5,1	16	1,7	11	2,1	341	2,5	3463	3,6
Construção de Material de Transporte	42	4,3	36	6,2	1728	12,3	74477	10,6	45	4,7	41	7,8	1926	14,2	14922	15,5
Mobiliário	95	9,7	62	10,7	1678	11,9	86122	12,3	88	9,3	55	10,5	1294	9,5	10527	10,9
Outras	2	0,2	1	0,2	1	0,0	24	0,0	4	0,4	2	0,4	3	0,0	19	0,0
Total	979	100,0	579	100,0	14101	100,0	702641	100,0	949	100,0	525	100,0	13586	100,0	96215	100,0

Fonte: Ficheiro de Unidades Estatísticas, INE

Se olharmos para o que se passa com os grupos profissionais mais relevantes (Quadro 5), verificamos a elevada percentagem de profissões ligadas ao sector industrial e de profissões de carácter mais técnico, como sejam *Operadores de Máquinas para Metais e Produtos Minerais*, os *Moldadores, Soldadores, Bate-chapas, Caldeireiros e Similares*, os *Trabalhadores Não Qualificados da Indústria*

Transformadora, os Técnicos de Investigação Física e Química e Fabricação Industrial e os *Forjadores, Serralheiros Mecânicos e Trabalhadores Similares*.

O carácter profundamente industrial de Águeda e a importância do sector metalúrgico neste concelho são ainda visíveis através da análise dos dados referentes à constituição de novas sociedades.

QUADRO 4

Ramos de actividade económica mais importantes em Águeda, em termos de número de pessoas ao serviço (2001)

Ramos de actividade	Portugal		Baixo Vouga		Águeda	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Fabricação de cutelaria, ferramentas e ferragens	8382	0,2	2637	1,5	1930	8,1
Construção de edifícios (no todo ou em parte); eng. Civil	506706	10,9	17366	9,7	1836	7,7
Comércio a retalho de outros produtos novos em estabelecimentos especializados	312875	6,7	11056	6,2	1590	6,7
Fabricação de elementos de construção em metal	81637	1,8	7218	4,0	1448	6,1
Fabricação de mobiliário e de colchões	60415	1,3	3692	2,1	1372	5,7
Fabricação de produtos cerâmicos não refractados (excepto construção) e refractados	28618	0,6	8228	4,6	1213	5,1
Ensino básico (2º e 3º ciclos) e secundário	170188	3,7	6364	3,5	586	2,5
Fabricação de motociclos e bicicletas	1560	0,0	1123	0,6	575	2,4
Conf. Outros artigos e acessórios de vestuário	142603	3,1	2788	1,6	461	1,9
Administração pública em geral, económica e social	221989	4,8	5748	3,2	456	1,9
Actividades de saúde humana	174963	3,8	4403	2,5	431	1,8
Restaurantes	101595	2,2	3652	2,0	417	1,7
Actividades de acção social	85149	1,8	3492	1,9	407	1,7
Comércio a retalho de produtos alimentares, bebidas e tabaco em estabelecimentos especializados	109197	2,3	4211	2,3	379	1,6
Ensino pré-escolar e básico (1º ciclo)	94053	2,0	4060	2,3	357	1,5
Manutenção e reparação de veículos automóveis	70529	1,5	2693	1,5	347	1,5
Comércio grossista de bens intermédios (não Agrícolas), desperdícios e sucata	29128	0,6	1595	0,9	345	1,4
Fabricação de outros produtos metálicos	7517	0,2	740	0,4	342	1,4
Fabricação de componentes e acessórios para veículos automóveis e seus motores	16429	0,4	1794	1,0	337	1,4
Fabricação de outras máquinas e equipamento para uso específico	21048	0,5	1420	0,8	319	1,3
Total	4650947	48,3	179619	52,5	23885	63,4

Fonte: Censos 2001, INE

Olhando para os dados mais recentes do Instituto Nacional de Estatística, verificamos que, depois do *Comércio por Grosso e a Retalho* e dos *Restaurantes e Hotéis*, a maioria das sociedades constituídas em Águeda pertencem ao CAE das *Indústrias Transformadoras*, ao contrário do que acontece em Portugal e no Baixo Vouga, onde esse tipo de sociedades ocupa apenas o terceiro lugar (Quadro 6).

Analisando estes dados mais detalhadamente, chegamos a uma conclusão mais interessante: das sociedades criadas na Indústria Transformadora em Águeda, 31,6% pertencem à *Metalurgia de Base*, aos *Produtos Metálicos* e ao *Fabrico de Máquinas e Equipamentos*, pertencendo 36,8% à *CAE Indústrias Transformadoras Não Especificadas*, onde se insere o Mobiliário Metálico (Quadro 7).

QUADRO 5

Profissões mais importantes em Águeda

Profissão	Portugal		Baixo Vouga		Águeda	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Operadores de máquinas para metais e produtos minerais	27 458	0,6	5 179	2,9	2 596	10,9
Empregados dos serviços contabilísticos e dos serviços financeiros	349 793	7,9	11 617	6,5	1 641	6,9
Vendedores e demonstradores	293 547	6,6	10 872	6,1	1 324	5,5
Trabalhadores da construção civil e obras públicas	269 965	6,1	11 330	6,3	1 286	5,4
Directores e gerentes de pequenas empresas	200 007	4,5	8 950	5,0	1 267	5,3
Moldadores, soldadores, bate-chapas, caldeiros e similares	80 171	1,8	5 404	3,0	992	4,2
Trabalhadores não qualificados da indústria transformadora	91 471	2,1	6 913	3,8	953	4,0
Condutores de veículos a motor	140 196	3,1	5 139	2,9	681	2,9
Pessoal de limpeza, lavadeiras, engomadeiras de roupa e similares	69 655	1,6	7 601	4,2	670	2,8
Directores Gerais	251 075	5,6	2 987	1,7	670	2,8
Ecónomos e pessoal do serviço de restauração	181 363	4,1	6 110	3,4	607	2,5
Técnicos de investigação física e química e fabricação industrial	82 232	1,8	4 318	2,4	581	2,4
Estafetas, bagageiros, porteiros, guardas e similares	139 979	3,1	5 395	3,0	579	2,4
Empregados de aprovisionamento, planeamento e dos transportes	56 962	1,3	2 998	1,7	535	2,2
Trabalhadores dos têxteis e confecções e trabalhadores similares	130 181	2,9	3 089	1,7	516	2,2
Forjadores, serralheiros mecânicos e trabalhadores similares	24 995	0,6	2 320	1,3	515	2,2
Oleiros, vidreiros e trabalhadores similares	17 045	0,4	3 072	1,7	464	1,9
Operadores de instalações de fabrico de vidro e cerâmicas	8 096	0,2	2 488	1,4	394	1,6
Docentes do ensino básico (2º/3º ciclos) e secundário	113 310	2,5	4 872	2,7	383	1,6
Profissionais de nível intermédio de gestão e administração	94 286	2,1	2 949	1,6	364	1,5
Total	4450711	58,9	179619	63,2	23885	71,2

Fonte: Censos 2001, INE

Antes da análise dos inquéritos feitos a empresas de Águeda, iremos apresentar mais alguns dados curiosos referentes a este concelho: o seu crescimento populacional, a sua baixa taxa de desemprego e a sua vocação exportadora.

Se olharmos para o comportamento da população de Águeda, verificamos que, à excepção dos anos 40, este concelho teve sempre um crescimento acima da média nacional, verificando-se praticamente o mesmo em relação ao Baixo Vouga. De notar ainda que, apesar de influenciada pelos fortes surtos emigratórios comuns a todo o território nacional, especialmente na década de sessenta, a população de Águeda continuou a crescer⁸, apesar da taxa de crescimento ser inferior à da década anterior (Figura 2). Raul da Cruz (1987: 48) explica este fenómeno ao dizer relativamente a Águeda: “*sente-se ali uma atmosfera industrial característica duma fase de*

crescimento dito ‘auto-sustentado’...não surpreende pois que, em 1973, a indústria mecânica de Águeda permaneça invulnerável à conjuntura económica nacional, às guerras coloniais e à emigração”⁹.

O facto do crescimento populacional deste concelho ser elevado, tendo registado no último Recenseamento uma população residente de 49.041 habitantes, poderá ser sintomático de um movimento imigratório importante, provavelmente atraído pelo dinamismo industrial da região.

Ao analisarmos o desemprego em Águeda, encontramos uma taxa média de desemprego de 2,9% em 2001 (Quadro 8). Este valor é bem inferior ao verificado tanto a nível nacional (6,8% em 2001) como no Baixo Vouga (5,3% em 2001). Apesar de, neste concelho, se ter verificado um acréscimo desta taxa entre 1991 e 2001, Águeda apresenta, ainda

QUADRO 6

Sociedades constituídas em 2003

CAE - Rev.2	Portugal		Baixo Vouga		Águeda	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Agricultura, Silvicultura e Pesca	612	2,5	19	2,3	0	0,0
Indústria Extractiva	32	0,1	0	0,0	0	0,0
Indústria Transformadora	2084	8,4	97	11,7	19	19,8
Electricidade, Gás e Água	61	0,2	4	0,5	0	0,0
Construção	2970	11,9	86	10,4	13	13,5
Comércio Grosso e Retalho; Restaurantes e Hotéis	9659	38,8	368	44,4	38	39,6
Transportes, Armazenagem e Comunicações	1129	4,5	37	4,5	5	5,2
Actividades Financeiras; Actividades Imobiliárias e Serviços a Empresas	5853	23,5	141	17,0	13	13,5
Serviços à Colectividade, Serviços Sociais e Serviços Pessoais	2490	10,0	76	9,2	8	8,3
Total	24890	100,0	828	100,0	96	100,0

Fonte: Anuário Estatístico da Região Centro 2003, INE

⁸ Tanto o Continente como o Baixo Vouga registaram uma diminuição da população entre 1960 e 1970.

⁹ Segundo este autor, a escassez de mão-de-obra, decorrente do aumento do número de empresas na região, nos anos sessenta, e dos surtos emigratórios, eram superadas por duas vias: uma era a chegada à fábrica de trabalhadores agrícolas com mais de 30 anos; a outra era a descida de trabalhadores da zona serrana das imediações de Águeda. Uns e outros iam ocupando os novos postos de trabalho que iam sendo criados diariamente (Cruz, 1987: 40).

QUADRO 7

Sociedades constituídas em 2003 – Indústria Transformadora

CAE	Portugal		Baixo Vouga		Águeda	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Indústrias Alimentares, das Bebidas e do Tabaco	294	14,1	10	10,3	0	0,0
Indústria Têxtil	336	16,1	1	1,0	1	5,3
Indústria do Couro e dos Produtos do Couro	72	3,5	1	1,0	0	0,0
Indústrias da Madeira e da Cortiça e suas Obras	163	7,8	14	14,4	0	0,0
Indústrias de Pasta, de Papel e Cartão e seus artigos; Edição e Impressão	289	13,9	6	6,2	0	0,0
Fab. Coque, Prod. Petrol. e Comb. Nuclear e Produtos Químicos e Fibras Sint.	30	1,4	2	2,1	0	0,0
Fabricação de Artigos de Borracha e de Matérias Plásticas	38	1,8	4	4,1	1	5,3
Fabricação de Outros Produtos Minerais não Metálicos	106	5,1	8	8,2	4	21,1
Indústrias Metalúrgicas de Base e de Produtos Metálicos	339	16,3	29	29,9	3	15,8
Fabricação de Máquinas e de Equipamentos, N.E.	106	5,1	6	6,2	3	15,8
Fabricação de Equipamento Eléctrico e de Óptica	71	3,4	3	3,1	0	0,0
Fabricação de Material de Transporte	45	2,2	0	0,0	0	0,0
Indústrias Transformadoras, N.E.	195	9,4	13	13,4	7	36,8
Total	2084	100,0	97	100,0	19	100,0

Fonte: Anuário Estatístico da Região Centro 2003, INE

assim, a taxa média de desemprego mais baixa dos concelhos que constituem o Baixo Vouga e a terceira mais baixa do Continente, apenas superada pela Batalha (2,5%) e por Paços de Ferreira (2,7%). Este indicador demonstra a capacidade de criação de novos empregos deste concelho.

No que diz respeito ao comércio externo, os dados mostram a *forte vocação exportadora* do concelho de Águeda, sendo maior o valor de mercadorias exportado do que o valor importado (Figura 3).

Se a unidade de análise fosse Portugal, as conclusões seriam opostas. O nosso país importa quase o dobro do valor exportado para países fora da UE e expede dois terços do valor das mercadorias recebidas para países da UE.

4. ESTUDO EMPÍRICO

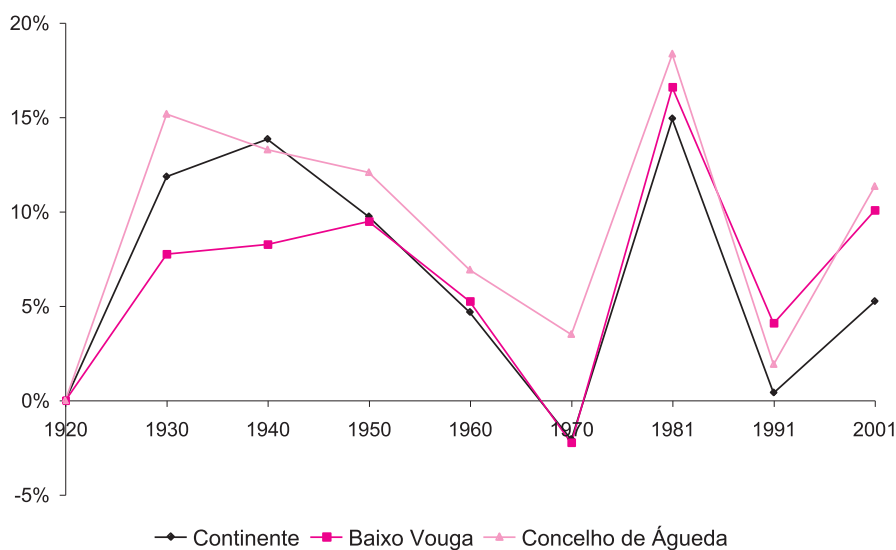
4.1 METODOLOGIA

Desenvolveu-se um questionário entre Março e Junho de 2004, tendo como alvo as empresas pertencentes ao sector metalomecânico de Águeda.

Para iniciar o inquérito partiu-se de uma listagem provisória de 187 empresas do sector, resultante da conjugação de várias fontes (AIDA – Associação Industrial de Aveiro, AIA – Associação Industrial de Águeda, e ABIMOTA – Associação Nacional de Indústrias de Duas Rodas, Ferragens, Mobiliário e Afins). Da lista provisória foram contactadas algumas empresas directamente e outras via postal, tendo respondido ao inquérito trinta e duas empresas.

FIGURA 2

Evolução da população do Continente, Baixo Vouga e Concelho de Águeda (1920-2001)



Fonte: Censos (INE)

QUADRO 8

Taxa de desemprego (1991 e 2001)

	Taxa de desemprego (%)	
	1991	2001
Portugal	6,1	6,8
Baixo Vouga	4,5	5,3
Águeda	1,9	2,9

Fonte: Censos 2001, (INE)

Para além disso, foram efectuados diversos contactos com as empresas inquiridas, a fim de serem esclarecidas eventuais dúvidas que, entretanto, pudessem surgir.

4.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O primeiro conjunto de observações incide sobre o tipo de empresas inquiridas. Como se constata

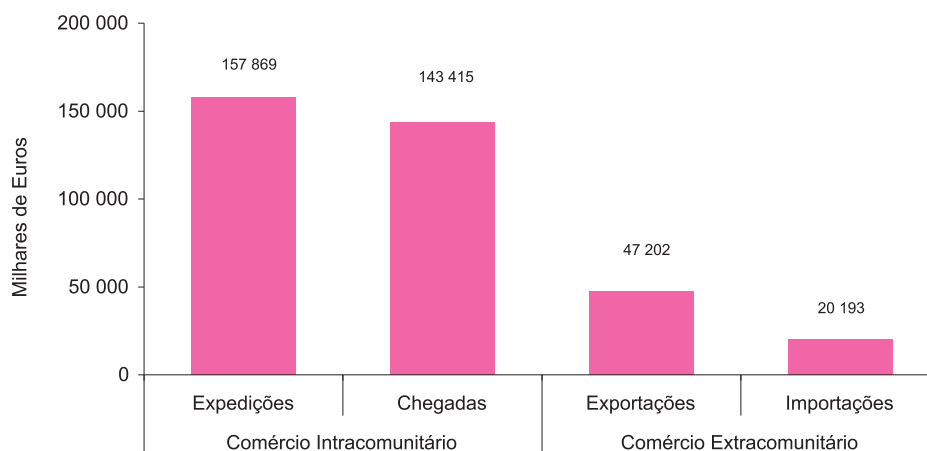
através do Quadro 9, há uma clara predominância de microempresas e de empresas de pequena dimensão¹⁰. Com efeito, das 30 empresas respondentes 73,4% são pequenas empresas e microempresas.

A data de constituição das empresas objecto do inquérito (Quadro 10) demonstra um ritmo de criação de empresas muito diversificado ao longo do tempo, tendo-se intensificado a partir de 1965, atingindo o auge no período de 1985 a 1989. Note-se que seis

¹⁰ Tendo em conta a definição europeia, através da Recomendação da Comissão nº 96/280/CE, são classificadas como *PME* as empresas com menos de 250 trabalhadores cujo volume de negócios anual não exceda 40 milhões de euros ou cujo balanço total anual não exceda 27 milhões de euros. As *pequenas empresas* são aquelas que têm menos de 50 trabalhadores e um volume de negócios inferior a 7 milhões de euros (ou um balanço inferior a 5 milhões de euros) e as *microempresas* são as que têm menos de 10 trabalhadores.

FIGURA 3

Comércio internacional declarado em Águeda (2002)



Fonte: Anuário Estatístico da Região Centro 2003, INE

QUADRO 9

Tipologia das empresas inquiridas

	Nº	%
Microempresas	5	16,7
Pequenas Empresas	17	56,7
Médias Empresas	7	23,3
Grandes Empresas	1	3,3
Total	30	100,0

Fonte: Inquérito

das empresas inquiridas foram criadas já depois de 1989, o que demonstra a atractividade inerente ao dinamismo do sector metalomecânico na região.

Como já havíamos referido anteriormente, a especialização é, de facto uma das características marcantes do processo industrial de Águeda, encontrando-se empresas especializadas no fabrico de ferramentas, de moldes, de aparelhagem industrial ou no fornecimento de serviços industriais relacionados com a preparação de base dos próprios materiais (fundição, cromagem, revestimentos, pintura de peças, etc.). Estas empresas produzem

tanto produtos finais, com acesso directo ao mercado, como produtos intermédios, destinados a outras empresas.

Se estudarmos a origem dos fornecimentos da indústria de Águeda, verificamos que uma elevada percentagem das matérias-primas e subprodutos é obtida localmente.

Com efeito, a análise dos dados do inquérito permite-nos concluir que todas as empresas têm fornecedores locais. Das vinte e oito empresas respondentes, todas afirmaram receber fornecimentos de outras empresas

de Águeda, sendo que das 87,5% empresas que responderam a esta questão, 53,1% dizem receber mais de 50% dos seus fornecimentos de empresas deste concelho (Quadro 11).

Estabelece-se, deste modo, uma cadeia de ligações, a montante, a jusante ou em diagonal, entre alguns sectores industriais (Figura 4).

Efectivamente, podemos observar que as indústrias ligadas ao sector metalomecânico compram subprodutos fabricados por unidades de outros sectores localizados na área, salientando-se as empresas ligadas às ferragens para a construção civil e obras públicas e ao mobiliário metálico. Surgem, ainda, outras empresas que fornecem elementos indispensáveis à comercialização dos produtos do sector da metalomecânica, como sejam a embalagem e a contabilidade.

Podemos, assim, concluir que a lista de actividades instaladas no âmbito do sector da metalomecânica é bastante ampla e a sua difusão tem de ser vista

como o resultado da organização, em meio local, de um processo intenso de *divisão do trabalho industrial*, possibilitado pela existência de uma cultura técnica que capacita os agentes locais para a criação de novas empresas.

Importa agora avaliar para que países é que as empresas do sector metalomecânico de Águeda exportam mais produtos e de que países importam mais matérias-primas.

Analisando a proveniência das matérias-primas, 15 das 27 empresas que responderam à questão, afirmaram comprar uma pequena parte das suas matérias-primas a fornecedores estrangeiros, sendo que, neste caso, a percentagem comprada não excede, na maior parte dos casos, os 20% (Quadro 12). Como já havíamos dito anteriormente, as empresas deste sector preferem comprar localmente as suas matérias-primas, abastecendo-se também noutros distritos, em especial, nos do Porto, Lisboa, Leiria e Setúbal¹¹.

QUADRO 10

Ano de constituição das empresas inquiridas

Ano constituição	Nº empresas	%
1945 a 1949	1	3,1
1950 a 1954	0	0,0
1955 a 1959	0	0,0
1960 a 1964	0	0,0
1965 a 1969	3	9,4
1970 a 1974	6	18,8
1975 a 1979	3	9,4
1980 a 1984	6	18,8
1985 a 1989	7	21,9
1990 a 1994	2	6,3
1995 a 1999	2	6,3
2000 a 2004	2	6,3
Total	32	100,0

Fonte: Inquérito

¹¹ Conclusões tiradas do inquérito.

QUADRO 1 1

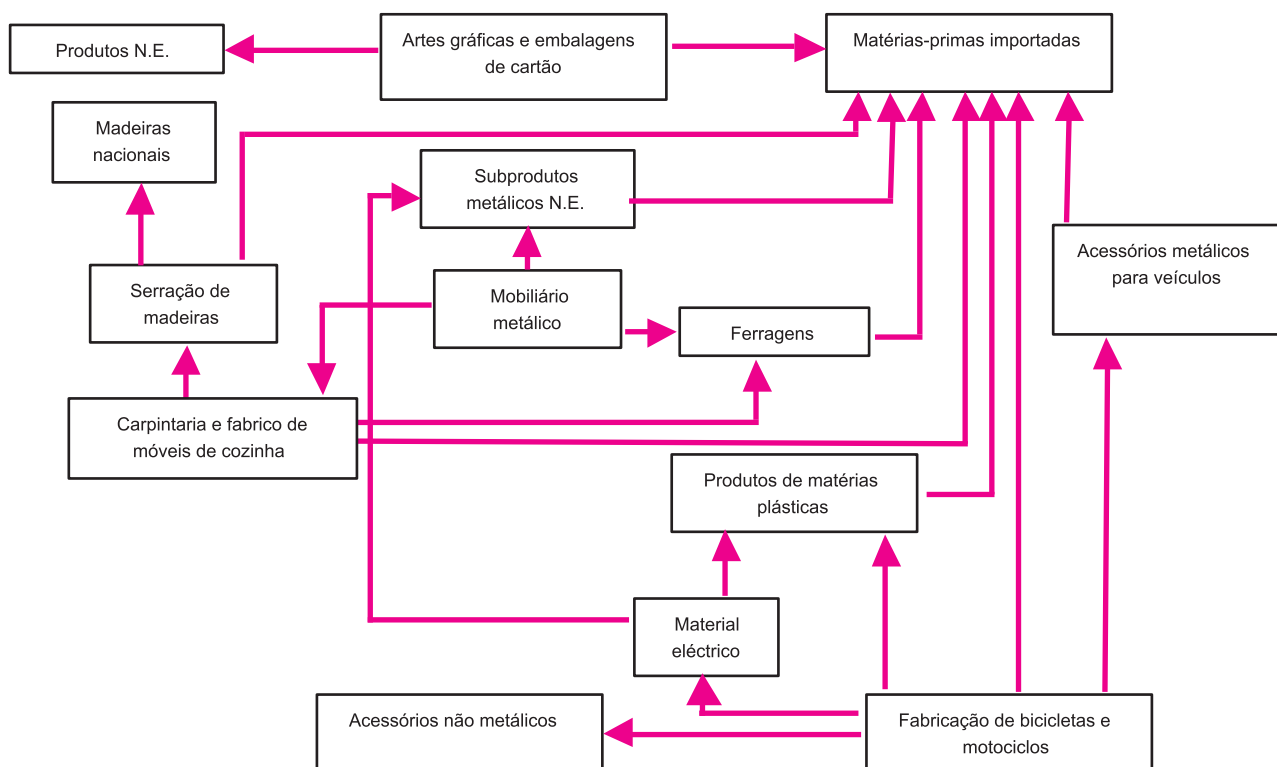
Percentagem de fornecimentos provenientes de outras empresas de Águeda

	Nº empresas	%
0	0	0,0
0-10	1	3,1
>10-20	1	3,1
>20-30	4	12,5
>30-40	2	6,3
>40-50	3	9,4
>50-60	3	9,4
>60-70	3	9,4
>70-80	7	21,9
>80-90	2	6,3
>90-100	2	6,3
NR	4	12,5
Total	32	100,0

Fonte: Inquérito

FIGURA 4

Ligações técnicas segundo a proveniência das matérias-primas do sector metalomecânico, para o Concelho de Águeda



Fonte: Adaptado de Caetano (1985: 467)

Os fornecimentos externos são, maioritariamente, oriundos da Espanha (59%), da Alemanha (23%) e da Itália (18%)¹².

No que se refere às exportações, 63% das empresas respondentes¹³ afirmam exportar os seus produtos, sendo o destino das exportações essencialmente a Europa e os PALOP, nomeadamente Espanha (6 empresas), França (2), Angola (2), Cabo Verde (2), Moçambique (2), Holanda (1) e Inglaterra (1).¹⁴

No que diz respeito à *inovação*, e apesar de ser difícil para pequenas empresas, como as que caracterizam o sistema industrial de Águeda, prosseguir actividades de I&D, elas reconhecem a importância de inovar e tentam fazê-lo através da partilha de técnicas e conhecimentos com outras empresas da região, com as quais mantêm fortes ligações.

A vontade de inovar destas empresas pode ser comprovada através de alguns dados retirados do inquérito: das empresas inquiridas, 83,3% afirmam ter *design* próprio e 70% admitem ter substituído recentemente as suas máquinas.

A capacidade/necessidade de cooperação destas unidades foi-nos transmitida por alguns empresários. Por exemplo, os *stands* onde expõem os seus produtos em feiras internacionais são, frequentemente, partilhados com empresas concorrentes da região.

Apresentadas as principais características da indústria de Águeda, importa caracterizar os *agentes da iniciativa local*.

Como seria de esperar, a natureza dos agentes envolvidos tem uma grande influência no sistema industrial local. Um dos factores apontados pelos empresários para localizarem a sua unidade produtiva em Águeda foi o facto de terem a sua vida já organizada nesse concelho, antecipando-se uma *grande integração entre as empresas e o meio local*.

Com efeito, a maioria dos empresários afirmou já ter trabalhado em empresas de Águeda, maioritariamente como operários da produção¹⁵.

QUADRO 12

Fornecedores das empresas inquiridas

	Fontes de matérias-primas (%)					Total
	Até 20%	21 a 40%	41 a 60%	61 a 80%	81 a 100%	
Distrito de Aveiro	2	6	5	10	4	27
Outros Distritos	10	7	5	2	1	25
Estrangeiro	11	3	1	0	0	15
Total	23	16	11	12	5	

Fonte: Inquérito

¹² Dados do inquérito.

¹³ Responderam a esta questão 30 empresas.

¹⁴ Das 32 empresas inquiridas, 11 apenas produzem para o mercado interno e 5 não respondem.

¹⁵ A esta mesma conclusão chegou Reis, num inquérito realizado há alguns anos (1989: 352).



O facto de instalarem a sua empresa na região onde sempre viveram e trabalharam transmite-lhes uma sensação de pertença/segurança. Se, por um lado, conhecem bem o meio local, sabendo onde podem mobilizar a mão-de-obra de que necessitam, por outro, podem contar com a ajuda de familiares, nomeadamente através de empréstimos, não só sob a forma monetária, mas também através da disponibilização de terrenos para o lançamento de uma iniciativa (alguns familiares tornam-se mesmo parceiros de negócio dos empresários).

Os principais factores de localização apontados pelos empresários foram assim: o conhecimento da mão-de-obra local, a disponibilidade de mão-de-obra especializada e versátil e a ajuda familiar.

Para além dos empresários locais, importa referir alguns *agentes colectivos locais* que têm tido um papel crucial no desenvolvimento industrial deste concelho, para além da Câmara Municipal.

Um deles é, indubitavelmente, a Associação Industrial de Águeda (AIA), que tem, actualmente, mais de 300 associados. Criada em 1974, por iniciativa de um grupo de vinte e sete empresários, pertencentes a diversos sectores de actividade, a AIA disponibiliza aos seus associados diversos serviços ao nível da consultadoria, que vão desde a organização da produção à consultadoria jurídica, passando pelas áreas da formação, fiscalidade, economia e subcontratação. Outras áreas de intervenção desta associação passam pelo apoio ao emprego, pela divulgação de oportunidades de exportação/importação e pela organização de missões comerciais ao estrangeiro.

Outra entidade importante é a Associação Nacional de Indústrias de Duas Rodas, Ferragens, Mobiliário e Afins (ABIMOTA). Criada em 1975, com a designação de Associação Nacional dos Industriais de Bicicletas, Ciclomotores, Motociclos e Acessórios, a ABIMOTA decidiu alargar, em 2003, o seu âmbito de actuação para os sectores das ferragens e do mobiliário metálico, alterando a sua designação inicial. Esta associação tem cerca de oitenta empresas associadas, produtoras de bicicletas, ciclomotores, ferragens, mobiliário metálico e afins. Tem como funções prestar apoio jurídico e económico-financeiro aos seus associados, dar formação, fazer certificação de qualidade, entre outras.

Digna de referência é, ainda, a Associação Nacional de Indústrias de Ferragens (APIFER). Esta associação representa os interesses dos fabricantes portugueses de ferragens para a construção civil, mobiliário e artigos similares. Foi fundada em 1975, tendo sido a sua sede transferida, em 1997, de Rio Meão (concelho da Feira) para Águeda. Tem como objectivos prestar apoio jurídico e económico/fiscal, dar formação, organizar a participação dos seus associados em feiras nacionais e internacionais, estabelecer protocolos de cooperação, fazer certificação de qualidade, entre outras.

Estes agentes institucionais colectivos têm contribuído para o dinamismo da indústria da região, ajudando à organização interna do sistema industrial de Águeda e auxiliando as pequenas empresas locais a negociarem a sua posição no exterior.

CONCLUSÕES

Este estudo teve como propósito averiguar se Águeda pode ou não ser considerada um *distrito industrial marshalliano*. Depois de analisadas as principais características do sistema industrial deste concelho, encontrámos um conjunto de especificidades similares às do *distrito industrial* proposto por Alfred Marshall e revitalizado por Becattini.

Uma das características de Águeda é a sua longa tradição industrial, que remonta ao século XIX, tendo, ao longo dos anos, demonstrado um grande dinamismo produtivo. Para além disso, predominam, nesta região, empresas de pequena dimensão, muito concentradas espacialmente.

O estudo ainda demonstrou a existência de um sector de especialização – o sector metalomecânico, permitindo a formação de capacidade profissional e a acumulação de uma cultura técnica industrial, que facilita a mobilidade profissional e técnica da mão-de-obra envolvida na produção industrial.

Paralelamente à especialização sectorial existe um elevado grau de divisão do trabalho, especializando-se cada empresa numa fase diferente do processo produtivo, gerando um sistema de interdependências industriais, que passam pela complementaridade produtiva. Desta forma, as pequenas empresas alcançam juntas uma vantagem competitiva que é, quase sempre, exclusiva de empresas de maior dimensão.

Um outro elemento que caracteriza o processo industrial da região é a constituição de gerações sucessivas de empresários de raiz local, muitas vezes ex-operários de outras empresas de Águeda, cuja iniciativa resulta da própria dinâmica da indústria existente, levando a uma grande interacção entre estes e o meio local.

Por fim, importa sublinhar o papel desempenhado por agentes colectivos locais, como a AIA, a ABIMOTA e a APIFER que representam as empresas da região, ajudando nomeadamente as pequenas empresas a negociarem a sua posição no exterior.

Este conjunto de características, permite-nos, assim, afirmar que Águeda, cuja indústria assume uma grande centralidade, constitui efectivamente um *distrito industrial marshalliano*.

Esta forma de organizar a produção tem, aliás, provado ser bastante eficiente, tendo, ao longo dos anos, contribuído para o sucesso industrial de Águeda motivado, essencialmente, pelo dinamismo inegável das unidades produtivas que dele fazem parte e que são responsáveis, em grande medida, pelo crescimento demográfico e pela baixa taxa de desemprego do concelho.

Muitas das empresas do sector metalomecânico da região ganharam, inclusivamente, e algumas mais do que uma vez, o prémio “PME Excelência” atribuído pelo IAPMEI.

Apesar da chamada “indústria das duas rodas” ter desaparecido praticamente de Águeda, tendo constituído um severo golpe na economia aguedense, uma vez ser um ramo com tradição na região, a indústria local mostrou uma considerável capacidade de renovação, comprovada, por exemplo, pelo acréscimo do número de empresas de mobiliário metálico no concelho, resultante não só da abertura de novas unidades, mas também da reconversão de algumas empresas de outros ramos do sector metalomecânico já existentes.

O bom desempenho de Águeda, permite-nos concluir que a organização em forma de *distrito industrial* se apresenta, de facto, como uma boa resposta às necessidades de desenvolvimento de pequenos territórios.

BIBLIOGRAFIA

- Bagnasco, A. (1988), *La Construzione Sociale del Mercato*, Bolonha: Il Mulino.
- Becattini, G. (1989), "Riflessioni sul Distretto Industriale Marshalliano come Concetto Socioeconomico" in *Stato e Mercato*, nº 25.
- Becattini, G. (1990), "The Marshallian Industrial District as a Socio-economic Notion" in Pyke, F., Becattini, G., Sengenberger, W. (eds.), *Industrial Districts and Inter-firm Co-operation*, Geneva: International Institute for Labour Studies, pp. 37-51.
- Becattini, G. (1991), "Italian Industrial Districts: Problems and Perspectives" in *International Studies of Management & Organisation*, Vol. 21, nº 1, pp. 83-90.
- Becattini, G. (2002), "Industrial Sectors and Industrial Districts: Tools for Industrial Analysis" in *European Planning Studies*, Vol. 10, nº. 4, pp. 483-493.
- Bellandi, M. (2002), "Italian Industrial Districts: an Industrial Economics Interpretation" in *European Planning Studies*, Vol. 10, nº. 4, pp. 425-437.
- Brusco, S. (1990), "The idea of the Industrial District: its Genesis" in Pyke, F., Becattini, G., Sengenberger, W. (eds.), *Industrial Districts and Inter-firm Co-operation*, Geneva: International Institute for Labour Studies, pp. 10-19.
- Caetano, L. (1985), *A Indústria no Distrito de Aveiro: Análise Geográfica Relativa ao Eixo Rodoviário Principal (EN nº 1) entre Malaposta e Albergaria-a-Nova*, Tese de Doutoramento, Vol. I e II, Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro.
- Cruz, R. (1987), *Industrialização em Meio Rural: o Caso de Águeda*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dei Ottati, G. (2002), "Social Concertation and Local Development: the Case of Industrial Districts" in *European Planning Studies*, Vol. 10, nº. 4, pp. 449-466.
- Giner, J. e Santa María, M. (2002), "Territorial Systems of Small Firms in Spain: an Analysis of Productive and Organizational Characteristics in Industrial Districts" in *Entrepreneurship & Regional Development*, 14, pp. 211-228.
- Mcdonald, F. e Vertova, G. (2001), "Geographical Concentration and Competitiveness in the European Union" in *European Business Review*, Vol. 13, nº 3, pp. 157-165.
- Melo, J. (1995), *A Região da Marinha Grande: um Distrito Industrial?*, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Coimbra: FEUC.
- Piore, M. e Sabel, C. (1984), *The Second Industrial Divide: Possibilities for Prosperity*, Nova Iorque: Basic Books.
- Pires, A. (1983), *Rural Diffuse Industrialisation in Portugal: the Case Study of the "Concelhos" of Agueda and Feira*, Tese de Doutoramento, Cardiff.
- Pires, A. (1986), "Industrialização Difusa e "Modelos" de Desenvolvimento: um Estudo no Distrito de Aveiro" in *Finisterra*, XXI, 42, pp. 239-269.
- Pires, A. (1987), *The Local Process of Development in Agueda*, Aveiro: Departamento de Ambiente da Universidade de Aveiro.
- Pyke, F. e Sengenberger, W. (1990), "Introduction" in Pyke, F., Becattini, G., Sengenberger, W. (eds.), *Industrial Districts and Inter-firm Co-operation*, Geneva: International Institute for Labour Studies, pp. 1-9.
- Reis, J. (1989), *Os Espaços da Indústria: a Regulação Económica e a Medição Local numa Sociedade Semiperiférica*, Dissertação de Doutoramento, Coimbra: FEUC.
- Silva, M. (1994), "Efficiency Statique et Dynamique dans le Modele du District Industriel" in *Investigação, Economia*, 46, pp. 1-20.